

RELIGIOSIDADES JUVENIS INSURGENTES: UMA SISTEMATIZAÇÃO DO MOVIMENTO UNDERGROUND CRISTÃO BRASILEIRO¹

Diogo da Silva Cardoso/UFRJ

Resumo

Este artigo é uma continuidade das reflexões já em curso sobre o movimento *underground* cristão, uma nova onda de mobilizações estéticas e religiosas de cariz juvenil que tem como aporte a pulverização do conhecimento teológico, a ação performática e o uso sistemático da arte e da cultura secularizadas (punk, heavy metal, hip hop, gótico, straight edge). Adotando um estilo de vida pós-moderno, esses jovens cristãos “descolados” buscam meios de se inserir nas redes jovens do cotidiano social e, em certa medida, se autopromover tanto na comunidade eclesial como nas cenas artísticas independentes (*underground*, por exemplo). Entender os motivos e implicações dessas novas comunidades confessionais é entender a nova dinâmica religiosa que perfaz a religiosidade juvenil pós-moderna, onde o cosmopolitismo e a estetização são as palavras de ordem, itens obrigatórios do indivíduo assecla e do território religioso alternativo que intenta ser uma heterotopia, isto é, um espaço que carrega as marcas de um mundo em profunda mudança, onde o não-diálogo com o extramuros é considerado heresia e qualquer forma de pensar e agir não que não seja jovem é tido como obsoleto.

Palavras-chave: *underground* cristão, juventude religiosa, pós-secular, comunidades de afeto e sentido, gêneros musicais alternativos.

Introdução

¹ Este artigo é uma bricolagem de um texto intitulado “Indignados com o mundo, transtornados com o institucionalismo: A geografia do *underground* cristão brasileiro na era pós-secular e pós-cristã”, publicado na revista *Ra’e Ga* (no prelo), do Departamento de Geografia da UFPR.

Underground cristão, termo consolidado pelos nativos e usado também por alguns jovens evangélicos, é um termo controverso e suscita as mais diferentes dúvidas e reações. A tentativa aqui é de resumir as reflexões feitas por mim nos últimos três anos, cuja pesquisa resultou em um “outro” olhar sobre a formação do movimento (cinco momentos históricos), e na invenção-melhoria de duas metodologias de análise: a etnogeografia multiterritorial e a etnogeografia da memória.

Como fruto de um momento histórico na qual protagonismos juvenis insurgi(r)am em todos os setores da sociedade brasileira, o *underground cristão* consiste na versão religiosa do movimento musical mundial dos anos 1980, que engendrou gêneros musicais como o heavy metal, death metal, gótico, hip hop, e revisitou outros “antigos” como o punk e o rock progressivo. Mas não só de musicalidades vive o *underground cristão*: teatro, percussão, pintura e outras artes estão incluídas na lista de expressões religiosas performáticas.

Mas onde, quando e como era chamado esse movimento nas suas “origens”? Na verdade, as divergências ideológicas já começam quando o objetivo é definir os estilos, as cosmologias, a doutrina bíblica, em suma, o repertório artístico-cultural e teológico que embasa as comunidades eclesiais e agências missionárias *undergrounds*. Ninguém chega a um consenso... Entretanto, todos os militantes são peremptórios em afirmar que a luta não é pela institucionalização, e sim pelo avanço da evangelização aos segmentos jovens urbanos excluídos dos proselitismos evangélico e católico. Percebe-se aqui que o vitalismo à la Nietzsche é quem dá as ordens no movimento, mesmo sendo o protestantismo o estilo de vida que mais influencia as ideias, crenças e práticas das lideranças e dos fiéis *undergrounds*.

Pelo fato do movimento aderir à onda filosófica vitalista, então o moinho que move as águas do *underground cristão* e de outros ramos não-convencionais partem de situações nas quais as fronteiras são extremamente porosas, simbólicas. Com isso, e baseado na minha experiência de campo e como ex-integrante do movimento, quero dizer que os fiéis e líderes *undergrounds* transitam fortemente por entre comunidades alternativas e evangélicas, firmam parcerias seja com evangélicos ou pessoas seculares, e lutam por visibilidade tanto no *underground* quanto no *mainstream*.

Então, como podemos resumir o *underground cristão*? Trata-se de um *novo movimento religioso* com traços culturais juvenis, uma boa pitada de ascetismo intramundano (graças aos “pais” protestantes!) e um plural *set* litúrgico que inclui apresentações musicais arrojadas e pregações feitas por pastores/líderes que navegam do

sagrado para o profano, e vice-versa. Configurados como igrejas, organizações missionárias, promotores de festivais etc., o underground cristão ainda é uma incógnita, um “movimento sem rumo”, porém, o protagonismo desses jovens é revelador de uma condição pós-moderna na qual as instituições cristãs hegemônicas passam a ter que rever permanentemente seus dogmas e liturgia.

Através da arte e de uma cultura de oposição (nova *ecologia eclesiástica?*), anseiam “agradar o Pai” e os seus pares, buscando sempre indicadores e indícios de mudança tanto na vida social quando nos recônditos eclesiásticos. Estamos falando aqui de um cristianismo que, ocidentalizado desde a sua base, jaz em permanente transformação em alguns de seus elementos mais essenciais (liturgia, proselitismo, adoração, conduta de vida), com repercussões claras e diretas no setor das mídias e da cultura visual, onde as transformações, mais que evidentes, apontam, conforme o discurso nativo de vários teólogos, para um cenário cristão permeado pelos “pós”: pós-ocidental, pós-moderno, pós-colonial ou mesmo pós-cristão (KIMBALL, 2008). Com quem eles interagem e costumam alianças? Como boa parte do segmento evangélico, ignoram os católicos²; falam “poucas e boas” dos funkeiros, mas se rendem a qualquer estilo artístico e visual que remeta a uma minoria étnica, estilo cultural ou comunidade que faça contraponto ao cristianismo dominante, ou legalismo que tem feito a “Igreja” estar cada vez mais intimamente associado ao sistema capitalista “mundano”³.

Depois de demarcado o que é o underground cristão, podemos estabelecer alguns traços culturais que o marcam em qualquer lugar (cidade) do Brasil onde esteja territorializado uma igreja, agência missionária ou grupo de afinidade típicos :

1. Um movimento contracultural cuja marca identitária é o *protesto* (CARSON, 2010), a crítica zombeteira⁴ ao legalismo institucional e a rebelião espiritualizada com o uso amplo, e por vezes obsessivo, das artes-culturas seculares;

² Uma das raras exceções é o Manifesto Missões Urbanas de Uberlândia (MG), cujo pastor Ariovaldo Junior, numa entrevista pessoal concedida em 2009, disse que o diálogo com os católicos “de mente aberta” não é só bem-vindo, como se faz necessário.

³ Ao longo do texto usarei entre aspas frases comumente pronunciadas pelos cristãos undergrounds, tanto como forma de dar voz a eles quanto de romper com a indolência da Ciência e colocá-la em diálogo com o senso comum crítico-emancipatório (SANTOS, 2001).

⁴ Vide o sarcástico blog <<http://www.genizahvirtual.com/>> Acessado em: 4 mai. 2012, bastante utilizado por alguns undergrounds para apoiar o discurso crítico que fazem do institucionalismo evangélico e da primazia da liturgia sobre o convívio em comunidade.

2. Uma identidade plástica, transitiva e que ressoa numa comunidade imaginada (ANDERSON, 1987); possui uma dinâmica, liderança, ritualidade e senso de pertença muito específicos conforme o lugar ou região de atuação do grupo;
3. Propõe uma ressemologização do cristianismo ocidental via protagonismos mediados pelos grupamentos juvenis urbanos secularizados⁵;
4. É uma fusão gregária de subestilos artísticos com o fito de chamar atenção, “chocar”, enfim, realizar a Missão por meios legitimamente culturais, sendo a arte o principal veículo de mensagem;
5. Há um gosto especial pelos subgêneros musicais alternativos, sendo o rock e o heavy metal os que inauguraram o movimento no Brasil (CARDOSO, 2011) e se destacam hoje nas mídias e nas comunidades de crença underground. É visto por muitos como os estilos que dão autenticidade ao movimento, sendo os outros (funk, pop rock, emo, metalcore) uma mera roupagem do que é proferido pela indústria cultural massiva;
6. Partilham teologias pós-modernas, donde a aceitação da pluralidade cultural e da negociação de discursos é um objetivo a ser perseguido pelos cristãos neoreformados; características fundantes, sendo que em alguns contextos (europeu, australiano e norte-americano, principalmente), tem se firmado um estilo de pensamento subversivo que confirma as predições de um cenário cristão secularizado.

Da metrópole à cidade diminuta, onde houver um headbanger, punk, rapper ou “modista” vagueando pelas ruas com um fone de celular no ouvido e uma garrafa de cerveja na mão, ali estará dada a condição socioespacial ou para a instalação de uma

⁵ Em todo o texto, optarei por não utilizar a já consagrada expressão “culturas juvenis”, pois assim como Varela (2008), entendo que a cultura juvenil é um sintagma equivocado, pois não alude às opções e escolhas que o jovem tem e pode hibridizar, não aderindo necessariamente a uma única vertente de ação coletiva juvenil. Um adepto da música *hip hop* pode muito bem frequentar baile *funk*, ir aos domingos em uma igreja católica e se articular com fãs de *rock* e *heavy metal*. Tudo é uma questão de opções de bens culturais a serem escolhidas pelo jovem, não necessariamente podemos categorizar um gênero musical ou um estilo visual como sendo uma cultura urbana, um motivo de fusão de jovens em uma comunidade de estilo e sentido; e tampouco podemos enquadrar o jovem dentro de um padrão cultural – tais classificações podem até ter validade nas análises da contracultura de 1960-70, quando o hippie era hippie e o punk era punk, mas mesmo assim, deve-se apontar para a dimensão ideológica contida nesse discurso-prática de fusionismo estilístico.

comunidade underground, ou para a atuação de um único prosélito que seja, mas que tem sede de triunfar na carreira missionária, seguindo o *leitmotiv* teológico do apóstolo Paulo: “Temos que combater o bom combate, para completar a carreira e guardar a fé” (BÍBLIA, 2º Timóteo 4:7).

Como veremos nos próximos itens, essa cultura religiosa que muitos chamam de underground cristão pertence a um movimento mais amplo chamado Igreja Emergente (que não é mais tão emergente assim, pois já se faz 20 anos que estão emergindo!), que se trata de um braço sociocultural de todo um processo que, numa ponta, tem formado uma geração de evangélicos não-praticantes, e na outra, um montante de pessoas que se auto-intitulam “sem-religião”. No caso dos undergrounds, a linha que os separa entre praticantes e não-praticantes é tão tênue que só por meio de uma participação não-desengajada o pesquisador (CARDOSO, 2011; MONDADA & SODERSTROM, 2004), pode-se entender o que, de fato, os atrai para essas novas comunidades emocionais e, por outro lado, coloca-os em uma situação de relativo descaso (e indiferença) com as outras instituições e religiosidades. Esse processo está embutido dentro da modernidade ocidental que tende a levar todas as religiões e religiosidades a uma situação inusitada e perigosa: da religião ser engolida pelas culturas seculares ou, ao contrário, dela se reconectar com o mundo da vida sem grandes perdas psicológicas ou de sacralidade, mantendo assim a composição do poder religioso (igreja e suas estruturas administrativas e educativas) sem acarretar na perda do numinoso ottoniano que tão bem faz da religião uma armação sociocultural diferente dos outros modos de sociação humana.

***Underground* cristão: o flerte com as culturas urbanas secularizadas**

Underground cristão, termo consolidado pelos nativos e usado também por alguns jovens evangélicos, é um termo controverso e suscita as mais diferentes dúvidas e reações. A tentativa aqui é de resumir as reflexões feitas por mim nos últimos anos, cuja pesquisa resultou em um “outro” plano de compreensão sobre o arranjo do movimento pós1980 (no total, cinco momentos histórico-espaciais), e na invenção (ou melhoria) de duas metodologias de análise: a *etnogeografia multiterritorial* e a *etnogeografia da memória* (CARDOSO, 2011).

Como fruto de um momento histórico na qual protagonismos juvenis insurgi(r)am em todos os setores da sociedade brasileira, o underground cristão consiste na versão religiosa do movimento musical mundial dos anos 1980, que engendrou gêneros musicais como o *heavy metal*, *death metal*, gótico, *hip-hop*, e revisitou outros “antigos” como o *punk* e o *rock* progressivo. Mas não só de musicalidades vive o *underground* cristão: teatro, percussão, pintura e outras artes estão incluídos na lista de expressões religiosas performáticas.

Tal como em todas as culturas jovens hedonistas da sociedade pós-moderna massiva, os *undergrounds* apresentam estratégias espaciais que variam mediante as especificidades de cada cidade e localidades de lazer, interação e entretenimento. As similitudes começam a transbordar quando se vê esses jovens religiosos traçando os mesmos itinerários geográficos dos grupamentos jovens seculares, incluindo a frequência aos *points* alternativos da cidade, num deslocamento que apela para o estético, para o espontâneo, para a presentificação de um momento que representa a fuga de todas as obrigações cotidianas, exceto uma: aonde quer que estejam, precisam portar-se como cristãos autênticos, como mensageiros do Reino. E é aqui que a ideia de missionário urbano fica mais tangível e aberta a qualquer desdobramento performático (pirotecnia, música, teatro, pregação). Aliado ao momento de descontração, quase sempre o “bate-papo” termina com assunto polêmico, seja um assunto que se refere a algum membro da comunidade que não está “bem inserido”, ou às notícias sobre o meio evangélico quase sempre em tom de crítica e escárnio.

Tal como nas experiências jovens na cidade, o *point* é o centro de referência, o lugar onde as distintas trajetórias jovens se encontram e interagem. Oriundos de localidades diversas, os *undergrounds* adoram frequentar os mesmos bares, ruas, centros culturais e casas de evento das juventudes seculares para mostrar a eles que fazem parte de uma mesma “tribo”, todos estão juntos e misturados, como adoram falar alguns pastores emergentes.

O estilo visual e as ações performáticas são o que define a territorialidade de cada *cluster* cultural, e os cristãos *undergrounds* e emergentes sabem muito bem os graus de abertura que grupo dá para aceitar visitas de *outsiders*. Esse grau muda em virtude do lugar, dos outros grupos que estão em volta e das atrações do dia, mas o principal elemento de acesso a um grupo de estilo é, realmente, o *estilo*. Mas isso é um assunto longo e que não cabe neste texto. Voltemos então à composição do *underground* cristão...

A pergunta que todos fazem é: onde, quando e como começou o movimento underground cristão? Na verdade, as divergências ideológicas já começam quando o objetivo é definir os estilos, as cosmologias, a doutrina bíblica, em suma, o repertório artístico-cultural e teológico que embasa as comunidades eclesiais e agências missionárias undergrounds. Ninguém chega a um consenso... Entretanto, todos os militantes são peremptórios em afirmar que a luta não é pela institucionalização, e sim pelo avanço da evangelização aos segmentos jovens urbanos excluídos dos proselitismos evangélico e católico. Percebe-se aqui que o vitalismo “a la Nietzsche” é quem dá as ordens no movimento, mesmo sendo o protestantismo o estilo de vida que mais influencia as ideias, crenças e práticas das lideranças e dos fiéis undergrounds.

Pelo fato do movimento aderir à onda filosófica vitalista, então as águas que movem o moinho do underground cristão e de outros ramos não-convencionais partem de situações nas quais as fronteiras são extremamente porosas, simbólicas. Com isso, e baseado na minha experiência de campo e como ex-integrante do movimento, quero dizer que os fiéis e líderes undergrounds transitam fortemente por entre comunidades alternativas e evangélicas, firmam parcerias seja com evangélicos ou pessoas seculares, e lutam por visibilidade tanto no *underground* como no *mainstream*.

Abaixo, está uma tentativa de esquematização da formação do movimento no Brasil (CARDOSO, 2011, p. 78-81) a partir de ciclos espaço-temporais (que chamei de *ondas*).

“Protótipo” de onda: 1970-1985

Protagonistas: missionária Bugra (SC), Comunidade S8 (RJ), Cristo Salva (SP), Atletas de Cristo (SP), Volantes de Cristo (Brasil); bandas Rebanhão (RJ), Êxodos (RJ);

Influências estéticas e musicais: contracultura juvenil, rock psicodélico, blues-rock, baião.

Público-alvo: hippies, rockeiros, dependentes químicos, alcoólatras.

Lógica espacial: lugares de encontro dos grupos, principalmente praças; reuniões de comunhão e de ritualização em igrejas evangélicas de perfil “aberto”; pouca interação espacial entre os missionários vanguardistas.

Signos territoriais: praça, templo evangélico.

Primeira onda: 1985-1989

Protagonistas: líderes Claudio Tibérius (SP), Luciano Manga

(SP), Fábio Carvalho (Paraná e depois Minas Gerais), Comunidade S8 (RJ); bandas Katsbarnea (SP), Rebanhão (RJ).

Influências estéticas e musicais: rock neoprogressivo, hard rock, soft rock, heavy metal clássico, thrash metal.

Público-alvo: punks, headbangers, darks, góticos, carecas.

Lógica espacial: evangelismo de rua individual, reuniões esporádicas e maior quantidade de jovens envolvidos na “luta”. Os militantes continuam dispersos

Signos territoriais: rua.

Segunda onda: 1990-1999

Protagonistas: I Congresso Brasileiro Headbanger Cristão

(SP), Christian Metal Force; pastores Claudio Tibérius, Sandro Baggio, Fábio Carvalho, Luciano Manga, Refúgio do rock (SP), Metanóia (RJ), Caverna de Adulão (MG); bandas Necromanicider (RJ), Antidemon (SP), Oficina G-3 (SP), Resgate (SP), Fruto Sagrado (SP), Berith (SP), Stauros (SC), The Joke (MG), Catedral (RJ), Kadoshi (SP).

Influências estéticas e musicais: thrash metal, heavy metal, death metal, gótico, hard rock, rock progressivo, pop rock.

Público-alvo: punks, headbangers, hardcores, góticos, carecas, satanistas.

Lógica espacial: aluguel de galpões ou aproveitamento dos espaços anexos das igrejas para promover os cultos; intensificação dos evangelismos de rua com microgrupos; primeiras bandas de metal cristão tocando em shows seculares.

Signos territoriais: show, rua, praça.

Terceira onda: 2000-2007(?)

Protagonistas: Bola de Neve Church (SP), Tribal Generation (MG), Zadoque (SP), Ajuntamento das Tribos (RJ), Comunidade Gólgota (PR), Caverna de Adulão (MG), Projeto 242 (SP), Galpão Cultural S8 (RJ); pastores Jesus (RJ), Enok (RJ), Fábio Carvalho (MG), Batista (SP); bandas Seventh Angels (PR), Antidemon (SP), Skymetal (MG), Stauros (SC), Desertor (PR), Blasterror (RJ), Trino (ES), DJ Alpiste (SP), Apocalypse XVI (SP).

Influências estéticas e musicais: metal progressivo, death metal, glam-rock, punk, hip-hop (rap, graffiti), clubber.

Público-alvo: headbangers, punks, carecas, hippies, clubbers, hardcoreanos, satanistas, vampiristas, hip hoppers, reggaeiros, grunges, surfistas.

Lógica espacial: difusão do movimento nas outras regiões do Brasil (notadamente Nordeste e Norte), com a emergência de outras expressões estéticas dentro da visão e missão do underground cristão; criação de agências missionárias de formação de líderes e de plantação de igrejas alternativas; maior diálogo com os evangélicos; eventos de integração local e regional; uso esporádico do ciberespaço e das mídias alternativas.

Signos territoriais: point, show, comunidade local.

Quarta onda: 2007-?

Protagonistas: Ajuntamento das Tribos (RJ), Avalanche (ES), Manifesto Missões Urbanas (MG), Vineyard/Sexxxx Church (SP), ZOE (TO), Sabaoth (AC), Verbalizando (RJ), Underfaith (SP); bandas Oficina G-3 (SP), Zebulom (AC), Arnion (GO), Krig (MG), Sentido Oposto (RJ), Pingo d'água (RJ), Metanóia Worship (RJ), Ruah Jah (RJ), Doxologia (RJ), Vox (ES), Trino (ES), Desertor (PR), Sangue Inocente (SP), DJ Alpiste (SP), Apocalipse XVI (SP), Mano Reco (SP), Ministério Éfeso (SP); líderes Claudio Tibérius (SP), Olgálvaro Junior (MG), Diniz (ES), Evandro Sudré (SP), Marcos Ribeiro (RJ).

Influências estéticas e musicais: emo, metalcore, metal progressivo, death metal, hardcore, hip hop (rap, graffiti, poesia, break), “MPB”.

Público-alvo: emos, headbangers, hardcoreanos, skatistas, hip hoppers, reggaeiros, universitários, e “outras pessoas”.

Lógica espacial: eventos de integração local e regional; empoderamento das agências missionárias; intercâmbio pontual com missionários undergrounds da América Latina; turnês de bandas “famosas” (Saint Spirit, Antidemon, Krig); refluxo do proselitismo de “rua” e mais agenciamentos no interior dos grupos (reuniões de confraternização, encontros rituais, festivais anuais); uso intenso do ciberespaço e das novas tecnologias; fechamento identitário de alguns grupos, abertura “estratégica” de outros conforme o contexto e recursos financeiros.

Signos territoriais: comunidade local, show, encontros “regionais”.

Diante desse esquema cíclico, e entendendo o estilo e a posição de cada sujeito coletivo e pessoal ali listado, já podemos elaborar uma definição, embora variável e porosa, do que seja o underground cristão. Primeiramente, trata-se de um *novo movimento religioso* (GUERRIERO, 2006), de culturas religiosas com traços e marcos

próprios das juventudes midiáticas urbanas. Configurados como igrejas, organizações missionárias, promotores de festivais etc., o *underground* cristão ainda é uma incógnita, um “movimento sem rumo”, porém, o protagonismo desses jovens é revelador de uma condição pós-moderna na qual as instituições cristãs hegemônicas passam a ter de rever permanentemente seus preceitos, dogmas, liturgia e meios de acessar outras culturas e segmentos sociais.

As agencialidades que *con*-formam o *underground* cristão encontram-se inscritas em um horizonte de práticas culturais altamente *ritualizadas*, mas sem perder de vista o vitalismo que os fazem crer que as instituições religiosas são um modelo obsoleto, falido. Deste modo, lugares e territórios religiosos são cuidadosamente produzidos para atender a essa demanda por um cenário sociocultural que não mais atura as pressões advindas de estruturas religiosas monolíticas. Ao passo que os lugares e territórios são esteticamente criados e sacralizados em rituais e encontros espirituais, o campo religioso começa a se fragmentar em estilhaços de identidades e adentra numa crise de representação que chega ao cúmulo de se questionar, no próprio interstício da comunidade eclesial, as bases da crença à qual se adere. O lugar, o território e a consequente paisagem religiosa erigida pela representação tornam-se um patrimônio da qual todos os fiéis da comunidade precisam se apropriar e potencializar.

Tomando o Crash Church – nova roupagem da antiga e badalada Comunidade Zadoque – como exemplo, Pinto analisa o veio potencialístico presente nas práticas culturais da cena e relativiza a postura funcionalista de algumas explicações que tentam colocar o jovem religioso como agente “carente”, “em busca de mera solução existencial para os problemas cotidianos”:

Contrariamente à generalização e à ligação direta entre pobreza e determinados movimentos identitários presente nas explicações funcionalistas, acredito que, no caso dos jovens da Crash Church e do *underground* evangélico, o papel central da religião em suas vidas é o de conferir a eles agencialidade. Vivenciar a crença não se limita a um sentimento de libertação ou a uma mudança de comportamento, mas implica em entrar em um estado de potencialidade, de um vir-a-ser em uma banda famosa, em um estúdio de tatuagem reconhecido, em uma galeria de artes gráficas, em um livro de poemas góticos. Assim, para estes jovens, se envolver no campo de práticas sociais do rock evangélico não se esgota em uma opção estética; significa se situarem enquanto agentes sociais atuantes. Eles tomam os elementos constitutivos dos universos simbólicos do rock e da religião evangélica como forma de construir e de reafirmar os valores e todo o conjunto de ideias sobre o modo de vida em que acreditam, moldando a partir disso seu próprio cotidiano (PINTO, 2009, p.179-180).

Os novos movimentos religiosos não são iguais à atual onda de mobilizações religiosas que brotou e adentrou em todas as fissuras do campo religioso brasileiro. Esta última tem dinâmicas de localização, territorialização e regulação diferenciadas: são ações mais fragmentadas e desregulamentadas, sem nenhum núcleo que defina as regras ou advogue a favor de um ou outro grupo. Enquanto os novos movimentos tem um perfil (mesmo que sorrateiro) de unidade na diversidade, as novas mobilizações são um exemplo da mais banal ação e retórica anárquicas, na qual a política da diversidade já se encontra em estado caótico, sem nenhum direcionamento ou possibilidade de compartilhamento das agências. Nenhum órgão ou política de cooperação consegue reuni-los em nome de uma cultura, crença, líder, entidade ou projeto comum. O máximo que se consegue em tais fenômenos é a criação de *unidades de mobilização*, dentro de uma concepção derradeira do que é sagrado e daquilo que se faz chegar a ele, em outras palavras, uma conduta de vida não-religiosa, ou “desrreligiosizada” se o caso é desconstruir a visão tradicional que os jovens tem do sagrado, do ofício sacerdotal e da hierarquia própria de uma comunidade baseada na coesão e integração social.

Geralmente, os jovens antes congregados em instituições protestantes, católicas ou de outras religiosidades passam por um turvo e turbulento processo de “desrreligiosização”, onde os ganhos e perdas psicológicas são inerentes. No mais das vezes, impera um (grave) senso de que o que antes se fazia foi “perda de tempo”, ações e ritualismos fúteis, desnecessários. É preciso recuperar o tempo perdido... O *underground* cristão seria uma espécie de solução cultural para uma defasagem que está no plano da religião, da existência concreta desses sujeitos em redes sociais e espaços de vivência que extrapolam as fronteiras do poder religioso.

Mas para desenvolver melhor o debate, precisamos entender o que é uma unidade de mobilização – e os seus correlatos sociológicos: grupo-dispositivo e irmandade multifacética – e a produção de sensações religiosas contemporâneas que partem da concepção do sagrado como algo fluido, incomensurável – no linguajar deleuze-guattariano, em permanente estado de *des-re-territorialização*.

Tais unidades de mobilização configuram eventos, grupamentos, ritos e rituais simultaneamente heterogêneos e particularistas, com teor aberto, “ecumênico” e ao mesmo tempo fechado e confrarial. Não há melhor exemplo do que o próprio *underground* cristão: não há unidade neste movimento, por isso, opto estudiosos e

leitores tem optado por caracterizá-lo como uma cosmovisão abrangente que trabalha sob o manto da invisibilidade resignada: gostariam de ser visíveis, mas por não conseguirem (não possuem meios ou carisma suficientes para chegar a esse estado), optam por agir de modo sorrateiro e performático nas fissuras deixadas pelos evangélicos para, através justamente da invisibilidade que os evangélicos produziram sobre eles, poderem intervir de forma “livre” e criativa. Eles almejam três coisas: 1) gozar de uma suposta liberdade em relação a “ideologia economicista” (teologia da prosperidade neopentecostal) e ao “corporativismo despersonalizado” (protestantes históricos) dignos das instituições hegemônicas; 2) sentir-se separado do “grande sistema”, e isso compreende não só estar livre da religião institucionalizada, mas também do cotidiano burocrático e culturalmente empobrecido e dominado pelos meios de comunicação de massa, um cotidiano que, na leitura teológica deles, “jaz dominado por Satanás”. Evoca-se aqui o apocalipse como visão premonitória do fim dos temp(los)!

Para uma visão geral da modernidade religiosa, não se deve esquecer os dois pilares básicos de uma religiosidade: crença e fé. A crença, por uma série de eventos e processos na vida social, encontra-se inerentemente ancorada num *sistema*, e para tal, obrigatoriamente carece de ser justificável, procurando sempre sua legitimidade frente a outros sistemas religiosos e de crença (OLIVEIRA, 2004).

Já a fé religiosa, esta sim não precisa de nada que a dê suporte, pois a sua manifestação é diretamente ligada à motivação da pessoa. Mas na contemporaneidade, visto que os fenômenos sociais e culturais tendem a adquirir um caráter de massa (desde que estejam ajustados à lógica do mercado), a aparição máxima da fé tem se dado nos coletivos religiosos, que lhe dá sentido, volume e, não raro, institucionalidade – sobre isso, basta notar o campo neopentecostal e as suas práticas de “institucionalização mística da fé”.

Pode-se afirmar, diante de todo o esquema conceitual da modernidade religiosa, das novas frentes de mobilização e pertença religiosa e da concepção fluida e multiterritorializada do sagrado, que o fenômeno da dupla, tripla, chegando às vezes até a uma “poli-denominacionalidade”, já é um acontecimento em algumas cidades brasileiras. Com certeza são os jovens pós-adolescência o público mais propenso a tal prática multifacética, embora os novaeristas e outros segmentos “adultos” compartilhem da mesma visão de que só no trânsito e na desinstitucionalização da religião é que se conquista a autêntica religiosidade e experiência do sagrado.

Considerações finais

Underground cristão, um conceito indefinido, borrado e insubordinável: cada vez que tentamos descrevê-lo, é como tentar entender o jovem-adolescente e sua ânsia de fugir da pressão estrutural via adesão a objetos, grupo de par e forma de agir que, ilusoriamente, lhe dá a sensação de estar fora do “Sistema”. Perscrutar o underground cristão é enveredar pela contingente trama dos relacionamentos, pertencas, interesses e combinações juvenis que jazem pulverizados na cena religiosa e nos múltiplos contextos da vida urbana. Territórios e mais territórios em disputa, ideologias em formação e guerra pela defesa dos símbolos autênticos, são as regras de formação das redes de afinidade juvenil, e as comunidades eclesiais, agências missionárias e outras formas de pertencimento ao underground cristão não escapam disso.

Mas ele tem um duplo papel: de funcionalidade e de troca simbólica. Serve para consolidar as práticas dos nativos do submundo cristão urbano. E ao mesmo tempo, é usado também para destacar um campo estético e midiático que agrega redes de afinidade dos mais variados gêneros. Do “*metalismo*” ao feminismo, da Caverna de Adulão (MG) ao Sabaoth (AC), do pastor death metal Batista (Crash Church) ao mano rapper Jonathan Híbrido (Pingo d’água), a palavra de ordem (divina) será sempre: *do it yourself* – um tributo à saudosa atitude dos punks setentistas.

Como fruto de um momento histórico da qual os protagonismos juvenis insurgem em todos os setores da sociedade brasileira, o underground cristão consiste na versão cristão-religiosa do movimento contracultural dos anos 1980, que engendrou uma série de subgêneros musicais tais como o heavy metal, death metal, gótico, hip hop, e revisitou outros “antigos” como o punk e o rock progressivo.

Com a atmosfera de “movimento sem rumo”, o protagonismo dos jovens undergrounds merece uma atenção minuciosa. Sua dinamicidade é o que faz o movimento se manter enquanto manifestação estética de cunho afirmativo, uma alternativa às formas hegemônicas do cristianismo que não dialogam com as mídias e juventudes emergentes. O underground cristão e a Igreja emergente são indícios fenomênicos de uma condição pós-moderna da qual as instituições cristãs legais não

podem mais fugir: precisam rever permanentemente os seus princípios, dogmas, liturgia e missiologia que se superpõem e determinam as hierarquias e o funcionamento da *ecclesia*. Nesse burburinho social, as novas religiosidades e comunidades artísticas e eclesiais só refletem a sede de protagonismo estético do jovem embrenhado nas estruturas de consumo cultural e exposição midiática.

No âmbito acadêmico, discute-se muito o juízo das religiões, mas pouca atenção é prestada ao que move a pessoa religiosa em sua ascese cotidiana (principalmente o trabalho) e na peregrinação em busca de refrigério espiritual, gozo temporário (semelhante ao do turista) e/ou um significado último. É o *multívduo* (CANEVACCI, 2005) fazedor de mundos de significado que está no cerne da questão religiosa, da constituição da religiosidade enquanto modo primário de vivência dos humanos em sociedade por meio da aceitação da existência de coisas, fenômenos, sistemas de linhagem e hierarquias que se situam para além das determinações materiais, engajando explicações de ordem metafísica, extra e sobrenatural.

Entender os motivos e implicações dessas novas comunidades confessionais é entender a nova dinâmica religiosa impregnada nas juventudes urbanas agora cosmopolitizadas e estetizadas, ativas nos circuitos de lazer e cultura da cidade e nos processos educativos e culturais extraoficiais que permitem um maior intercâmbio sociocultural e, por consequência, religioso, ratificando a metáfora da antropóloga Leila Amaral (2000) de que as religiosidades novaeristas são, em essência, um “carnaval da alma”, e os jovens, o seu principal veículo de divulgação e expressão concreta de que as religiões e religiosidades, definitivamente, estão em um estado de mutação nunca antes visto na modernidade, tornando-as, definitivamente, pós-modernas na sua dimensão ontológica.

Certos de que essas transformações obrigarão o campo evangélico a rever suas práticas rituais, doutrinárias, missiológicas e sociais, então cabe, em primeiro lugar, elaborar uma cartografia das mudanças na juventude contemporânea e a relação desta com as instituições evangélicas. E o segundo passo é entender o porquê de alguns jovens cristãos, inserido no mundo globalizado e atento às mudanças culturais, rumam para outras formas de vivenciar o sagrado e construir relacionamentos, digamos, mais “pessoalizados” que resultam na tênue, porém contínua, evasão de jovens das igrejas

evangélicas, no posterior aumento de evangélicos não-praticantes⁶, e no alastramento de práticas mágico-religiosas e de comunidades neo eclesiais que buscam o rompimento doutrinário (teológico), paisagístico (estético, geográfico) e geracional (sociológico) com tudo o que atrapalhe ou mesmo impeça a realização dos seus interesses religiosos e o gozo estético próprio da vida urbana pós-moderna.

Referências bibliográficas

- AMARAL, L. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BÍBLIA SAGRADA. Bíblia do ministro com concordância: nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2007.
- CANEVACCI, M. **Culturas eXtremas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CARDOSO, D. S. **Underground cristão**: a construção geográfica de uma cena religiosa jovem alternativa. Porto Alegre: Liro, 2011.
- CARSON, D. A. **Igreja emergente**: o movimento e suas implicações. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- GUERRIERO, S. **Novos movimentos religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.
- JUNGBLUT, A. L. A salvação pelo Rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. **Religião & Sociedade**. n. 2. v. 27. ago. 2007. Rio de Janeiro. p. 144-162.
- KIMBALL, D. **A igreja emergente**: cristianismo clássico para as novas gerações. São Paulo: Vida, 2008.
- MONDADA, L.; SÖDERSTRÖM, O. Do texto à interação: percurso através da geografia cultural contemporânea. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 133-156.
- OLIVEIRA, C. D. M. **Turismo Religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.
- PINTO, F. S. Radicalmente santos: o rock'n'roll e o underground na produção da pertença religiosa entre jovens. **Proa**. v. 1. n. 1. ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/proa/artigos/artigoflavia.htm>> Acessado em: 12/10/2010.
- SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001.
- VARELA, F. R. El mito de la cultura juvenil. **Última Década**. Valparaíso, n. 28, p. 79-90, jul. 2008.

⁶ Conforme diagnóstico de sociólogos e cientistas da religião, e corroborado pelos atuais dados do IBGE (Censo 2010) com relação à filiação religiosa do brasileiro.

